



Acervo e Memória: as possibilidades de uso do acervo Michael Traumann como fonte histórica.

Naor Franco de Carvalho¹

Orientador: Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva

O estudo da memória a muito tem ganhado espaço dentro da historiografia, conceito tão comum nos almoços familiares, ao rever fotografias ou nas conversas de bar lembrando-se do passado, este termo muitas vezes é leigamente compreendido como sinônimo da história e história sinônimo de passado compreensões que caracterizam um equívoco. Mas se memória não é história e história não é passado, o que são essas coisas? Segundo Bloch, história seria “o estudo do homem no tempo” (BLOCH: 1997: 55), ou seja, a análise das intervenções do homem no tempo. Isto nos permite transcender a ideia de que história seria sinônimo do passado, pois as ações do indivíduo no tempo presente é elemento constituinte da construção histórica logo também é história, além disto, ela não pode ser o passado, mas sim sua representação.

Se história não é passado então memória o é? Pierre Nora discordaria desta afirmação. Para este historiador o passado está morto, diferente da memória que é viva, pois está em constante transformação e construção. Nora então especifica a memória como:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA: 1993: 09).

Portanto para Nora, a memória é mutante, ela se separa da sua raiz no momento em que se transforma, ela está constantemente se distanciando do passado e passando por transformações. Nora não é o único a trazer estas considerações para o estudo da memória, Ulpiano Meneses em sua obra *A História, cativa da Memória* (1992) afirma que a memória é fruto do presente, é neste momento que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar, ou seja, sua moldagem é dada no atual para significar ou resignificar o que passou ela acompanha a dinâmica de seu contexto social, portanto a memória se:

Organiza, reorganiza, adquire estrutura e se refaz num processo constante, de feição adaptativa. A tradição (memória exteriorizada como modelo) nunca se refere a nenhum corpo consolidado de crenças, normas, valores, referências definidas na

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Assis-SP, Bolsista CAPES. Este texto é baseado no Projeto de Mestrado deste autor, apresentado ao programa de mestrado em História Social da UNESP/Assis.

sua origem passada, mas está sujeita permanentemente à dinâmica social.
(MENESES: 1992: 10)

Se a memória está associada ao sentimento, ao que lhe é caro, o que resulta na tradição (memória como regra e modelo de conduta), a história enquanto ferramenta de análise laiciza a memória, a torna universal, a desconstrói e a problematiza. A história é a representação de um momento não mais inexistente e não pertence a um grupo somente, como afirma Nora:

A história, porque operação intelectual e laicizante demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. (NORA: 1993: 09)

Após esta breve separação entre história e memória, podemos dar continuidade a este texto. Ao compreendermos o que é memória, entendemos que os primeiros pensamentos ao se falar sobre memória não devem ser desprezados, a experiência resulta na rememoração desta e toda vivência encontra-se enquadrada em um contexto sócio histórico. Portanto as vivências e a sua rememoração muito pode nos informar, suas informações e possibilidades de análise transcendem ao indivíduo e alcança seu contexto, possibilita o estudo das organizações sociais e manifestações culturais que o indivíduo está inserido. A partir disto podemos compreender que a memória é individual e coletiva, motivo de união e de separação, seletiva e construtora das identidades sociais.

A seletividade causada pela memória é tão poderosa igual a sua unificação. Os grupos sociais estabelecem para si monumentos, que os representem, as compreensões de sua existência enquanto grupo, podendo este unir aqueles a quem representa ou separar aqueles que nele não estão representados- devido a suas próprias construções e vivências- logo a memória é primordial para a formação das identidades do grupo. Michael Pollak indaga sobre esta ação da memória:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. (POLLAK, 1992: 201)

Michael Pollak em sua obra “Memória e Identidade Social” trabalha as construções identitárias feitas pela memória, neste excerto citado acima, o autor questiona quais são os acontecimentos responsáveis pela formação das identidades, estes são os que estão envoltos pela memória, pois elas fazem parte do processo de construção identitária. Tanto as experiências individuais quanto as coletivas estão relacionadas, e estas unem as pessoas a determinado grupo a qual “sente pertencer” como diz Pollak.

As trocas sociais constroem o individuo, as relações deste com o externo e, o que ele subjetiva de suas experiências são determinantes para as formações identitárias, compreendendo sempre que os indivíduos são múltiplos em seus relacionamentos, suas fronteiras são elásticas, ou seja, sua vivência se dá em diversos grupos e em cada grupo manifesta uma identidade, mesmo tendo uma liberdade condicionada pela cultura, ele pode transitar entre diversos meios (BARTH 1998: 208, 209).

Através destas compreensões o olhar do pesquisador torna-se mais atento ao problematizar os centros de documentações, acervos, fundos e arquivos a compreender que estes são utilizados como *leux de mémoire*, que seriam lugares “com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” (NORA: 1993: 21). Visto como um local que é portador de um significado simbólico construído, já que todo acervo/fundo é requisitado ou doado com a intenção de guardar uma memória, seja familiar, individual ou de determinado grupo social, memória esta que é fabricada (MENESES: 1992) e portadora de um valor funcional, os documentos materiais presentes nos acervos e centros de documentação histórica comumente estão em constante análise e abertos à pesquisa, logo tem como funcionalidade além da preservação da memória a problematização dela através da pesquisa documental e histórica.

Este texto que é resultado do projeto de pesquisa em andamento *Entre páginas e sons: acervo familiar e memória dos Traumann (Rolândia, PR, 1935-2009)* vinculado ao programa de mestrado em História Social na Universidade Estadual Paulista em Assis, busca discutir de forma breve as possibilidades de uso do acervo Michael Traumann localizado no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica/CDPH da Universidade Estadual de Londrina.

A família Traumann é alemã com origem judaica e refugiou-se no Brasil em 1935 mais precisamente em Rolândia cidade rural no interior do Paraná, fugindo da ascensão do nazismo na Alemanha. Os Traumann ao ancorar-se em Rolândia- também conhecida na década de 30 como Gleba Roland- encontra nelas as dificuldades de adaptação cultural, sendo

que o primeiro choque de contato está na língua principal motivo de afastamento. Outro fator importante a se considerar é o relacionamento que família tinha com a terra, pois, Frederick Traumann patriarca da família, em sua cidade *Düsseldorf* atuava como advogado, sua esposa Elsie Traumann como cantora lírica, portanto, ambos não tinham relacionamento com agricultura, restando assim muitos dos cuidados práticos da fazenda para o filho do casal Michael Traumann, que em 1935 tinha a idade de 12 anos (Em entrevista concedida ao projeto Etnicidade e Morte- CDPH/UEL).

Este mesmo menino de doze anos que se responsabilizara pelos cuidados da fazenda, também não deixou de se cultivar nos campos espirituais, adquirindo gosto pela leitura, pelas óperas, pela música clássica e pelo teatro (CARVALHO, 2013). A forma que Michael Traumann encontrou de dar manutenção a sua paixão pelas artes e pela cultura alemã, foi através da adaptação de peças teatrais, transformando-as em teatro de bonecos; da manutenção de uma imensa biblioteca, com diversos títulos em alemão, inglês, português com assuntos diversos; de uma discoteca contendo vinis de música clássica alemã.

Michael Traumann em uma entrevista concedida ao projeto Etnicidade e Morte- CDPH UEL coordenado por Marco Soares, afirmou ter participado de uma criação europeia, e assim se compreendia como cidadão do seu mundo, o mundo europeu: “eu sou da opinião que não existe uma cultura alemã, existe uma cultura europeia com um ramo alemão por assim dizer. A cultura nossa é Shakespeare e Tolstoi, é Dostoievski é Cervantes e Goethe e Schiller, e os alemães então quer dizer, a cultura europeia né”².

A família Traumann enquadra-se em uma comunidade, que em muito se distinguem de agrupamentos judaicos espalhados pelo país. Soares afirma que a comunidade de Gleba Roland, foi formada por alemães, seja judeus ou não e, não só famílias judias alemãs, mas também austríacas húngaras e suíças todas essas imigrando no mesmo período, entre 1932 e 1945. A característica inusitada da então Gleba Roland é que, essas famílias judias, tiveram a oportunidade de permanecer em grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, cidades que os grupos judaicos se estabeleceram fortemente, mas optaram pelo campo e pelo afastamento dessas comunidades.

A forma de manifestar o seu elo com o judaísmo, se deu pela manutenção de alguns símbolos, ou tradições e, não o estreito seguimento da *Torah*; a possibilidade que

² Na transcrição da entrevista efetuada pelo CDPH foi preservada a linguagem do entrevistador e do entrevistado.

Marco Soares em seu livro *Alemanha aos Trópicos, identidades judaicas na terra vermelha (1933-2003)* (2012) propõe que esta diferença esta emancipação destes judeus, ou seja, são frutos da a *Haskalah*³ e do *Aperfeiçoamento Civil Judaico*⁴. Em primeiro lugar eram alemães/europeus o seu reconhecimento, sua identificação não era com as práticas religiosas do judaísmo, mas sim com a cultura alemã e europeia (SOARES, 2012: 244/245).

Os Traumann não fogem deste enquadre, Michael Traumann compreendeu sua família como participante de uma cultura alemã e não judaica, por mais que existam símbolos do judaísmo que foram mantidos, como o nome da fazenda familiar *Gilgala*, que para a tradição judaica foi o primeiro acampamento após o êxodo do Egito (SOARES, 2012: 102), a compreensão e a manutenção foi dada a cultura europeia-alemã.

O acervo consiste em diversos documentos sendo eles: série fotográfica, série textual (peças teatrais, discursos, diários), discoteca - com mais de 300 exemplares, contendo entre eles clássicos da música europeia como Mozart, Schumann, Beethoven -, correspondências e a biblioteca Traumann, sendo esta portadora de mais de 600 livros de várias áreas, como história do mundo antigo, filosofia, livros infantis, literatura brasileira, literatura alemã, literatura inglesa, história e obras gerais. Entre os livros de filosofia existem exemplares de autores clássicos como Kant, Nietzsche, Weber, sendo muitos livros das primeiras edições ou edições especiais, dando um valor de *peça única* marcados com *ex libris*⁵.

O Acervo Michael Traumann foi doado para o CDPH no ano de 2009, que também foi o ano de falecimento de Michael Traumann. O contato do Departamento de História com a família Traumann ocorreu através do projeto Etnicidade e Morte (ETN/UUEL: 2003-2009) com a coordenação do professor Marco Antônio Neves Soares; foram estudadas diversas famílias em Rolândia, investigando aspectos culturais dos imigrantes alemães. Através deste contato entre o CDPH e M. Traumann foi exposto ao centro de pesquisa a biblioteca Traumann e os demais integrantes do acervo. Com o falecimento de Michael

³ Movimento de assimilação por parte da comunidade judaica; a *Haskalah*- movimento que teve seu início no meio intelectual judaico no final do século XVIII-, surge como resposta do judeu a essa exclusão social, ela traz consigo a busca pela inserção do judeu no cotidiano alemão, tendo como precursor Moses Mendelssohn.

⁴ O aperfeiçoamento civil judaico, foi uma política pública que em conjunto com a *Haskalah*, procurava a inserção do judeu no cotidiano alemão, diferentemente da *Haskalah* que tem seu berço no judaísmo, o aperfeiçoamento civil judaico vem por parte dos alemães, tendo como precursor Christian Wilhelm von Dohm.

⁵ *Ex libris* é utilizado como marcação em livros raros, demonstrando a posse através pinturas emblemas do portador, seguidos por escritos, também podendo conter o brasão da família.

Traumann em 2009 os documentos foram doados por seus filhos à Universidade Estadual de Londrina.

A partir de uma análise do acervo Michael Traumann, focado na biblioteca e discoteca, o projeto aqui discutido tem o objetivo de analisar e questionar as relações socioculturais da família Traumann, considerando a segunda e a terceira geração, a investigar os aspectos culturais apresentados por esta família, como a influência de uma cultura “europeia com um ramo alemão” contribuiu para as formações identitárias da mesma.

Através da investigação do ler e do ouvir da família será possível compreender a manutenção de certas tradições alemãs pelos Traumann, como tradição literária, tradição musical, tradições judaicas ainda presentes no cotidiano e não somente o que foi mantido, mas também o que foi abandonado e o que foi reelaborado, problematizando o acervo como um lugar de memória e questionando o intuito de preservação da memória familiar.

Segundo Nora, o aumento da individualidade na sociedade moderna resultou, em um desligamento do sentimento de continuidade, um vazio surgiu, o tempo torna-se devorador das experiências. Para suprir o vazio, são criados locais que preservam os resquícios do que o tempo devorou, a memória torna-se protegida, os arquivos e os museus são seus guardiões, as fragmentações dos relacionamentos sociais acabam por gerar a necessidade da preservação de uma memória coletiva, seja no aspecto macro de uma nação ou micro de um grupo local, regional ou familiar.

Compreender um centro de documentação como local de memória, nos permite a análise de como a memória é construída, a forma como se dá o processo de elaboração dela, seu enquadramento, o que foi recortado e o que foi abandonado, pois as formações identitárias se dão pela constante manutenção de monumentos lotados de símbolos, aspirações e representações (POLLAK: 1992).

Através desta ótica o acervo será analisado na procura por seus agentes, aqueles que o delimitaram, organizaram e reorganizaram não de uma forma simplesmente técnica, mas também nas construções da memória como explicitado por Meneses, sendo que em muitas vezes este processo se dá inconscientemente, pois na organização do que virá a ser o acervo, muita coisa pode ser excluída, por considerar impróprio, vergonhoso ou intimo demais.

Todos esses recortes são métodos de enquadramento da memória, ela está sendo moldada a imagem de seu (s) criador (es). A criação de um acervo pode ser vista da mesma

forma que um político prepara seu discurso, as palavras são sabiamente escolhidas, a forma como dizê-las também é exaustivamente trabalhada, o resultado final que será lançado ao público, do alto do palanque, não se dá de uma forma espontânea, pelo contrário foi exaustivo e pré-fabricado.

Regina Abreu em seu livro *A Fabricação do Imortal* (1996) trabalhou com a construção da memória de Miguel Calmon, problematizou seu acervo como ferramenta para a imortalização de seu representante, empenho efetuado por sua esposa Alice da Porciúncula, que após a morte de seu esposo decidiu construir e ceder ao Museu Histórico Nacional o acervo que narra sua trajetória na vida pública. Para a realização do trabalho, Abreu partiu da compreensão de que:

Numa perspectiva, antropológica, história banais ou extraordinárias encerram significados. Significados que não se encontram imediatamente revelados ao nível da experiência sensível, mas que demandam um complexo trabalho de decodificação, análise, interpretação [...] Por meio da problematização desse fenômeno é possível desvendar aquilo que lhe é subjacente: crenças, valores e visões de mundo singulares. (ABREU, 1996: 28)

A autora afirma que a decodificação das ações que são inatas, a problematização das experiências, conduz o pesquisador as visões de mundo do indivíduo a ser analisado. Ao trabalhar com acervo Calmon, ela não só acabou por problematizar a vida de Miguel Calmon como figura pública, como também de sua esposa que organizou o acervo e também do museu, que se tornou seu guardião.

Da mesma forma que Abreu, ao decodificar a doação de Alice da Porciúncula ao Museu Histórico Nacional, conseguiu questionar e analisar como se deu a *imortalização* da figura de Miguel Calmon, este trabalho a ser construído analisará a imortalização da memória familiar dos Traumann sempre a compreender que apesar de contextos sociais bem distintos, a preocupação de não ter a trajetória encerrada no momento da morte é primordial para a elaboração do acervo Calmon e Traumann.

Portanto os acervos, centros de documentações históricas, arquivos e fundos, muito podem contribuir para a pesquisa histórica e problematização da memória, por nos oferecer uma quantidade significativa de fontes e caminhos a serem traçados, dando-nos a possibilidade de trabalhar com fontes inéditas ou perspectivas inéditas de fontes já trabalhadas e a constante problematização da memória e de suas construções.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco. 1996. 225 pp.
- BARTH, Fredrik. **Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- CARVALHO, Naor Franco de. **Caminhando entre dois mundos: uma análise a partir de Alkestis adaptada por Michael Traumann**. 2013. 40 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.
- JONES, S. Categorias históricas e a práxis da identidade. In: FUNARI, P.P.A.; ORSER, E.C. Jr.; SCHIAVETTO, S.N.O. (Orgs.) *Identities, Discurso e Poder: Estudos de Arqueologia Contemporânea*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005, 245pp.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A história, cativa da memória? Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.34, 1992, p.9-24.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História- A problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo (10). Dez. 1993.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2 n. 3 1989.
- REVEL, Jacques. *Microanálise e construção do social*. In RAVEL, Jacques (org.) *Jogo de escalas. A experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- SOARES, Marco Antonio Neves. **Da Alemanha aos Trópicos- identidades judaicas na terra vermelha (1933-2003)**. Londrina: EDUEL, 2012.